

OLHARES DO COTIDIANO: A FOTOPERFORMANCE COMO ESPAÇO DE ESCUTA E EXPRESSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR.

José Lucas dos Santos Dantas¹

RESUMO

Este trabalho investiga as fotoperformances realizadas por estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II da educação básica, compreendendo essa linguagem artística como um potente dispositivo de escuta e expressão no ambiente escolar. A partir de uma proposta prática interdisciplinar que envolveu o estudo da fotografia e da performance, os alunos criaram fotografias performativas que revelaram suas subjetividades, inquietações e modos de existir no mundo. O trabalho aponta a fotoperformance como um território fértil para o desenvolvimento da autonomia criativa, da escuta sensível e do pensamento crítico, especialmente quando inserida em contextos educativos voltados à formação integral do sujeito. A pesquisa adota uma abordagem teórico-prática, fundamentada nos estudos de **Vilém Flusser** (1985), que propõe uma filosofia da fotografia não limitada à análise técnica ou estética, mas voltada à investigação dos modos de pensar, perceber e se relacionar com o mundo por meio da fotografia, e de **Luciano Vinhosa Simão** (2014), que problematiza a relação entre registro e performance, destacando a fotografia como expressão criadora de sentido. Também são referência os estudos de **Ana Mae Barbosa** sobre o ensino de Artes, no que se refere à valorização da imagem como instrumento de mediação e construção do conhecimento estético, cultural e social. Como metodologia, utilizou-se a Prática como Pesquisa, na perspectiva somático-performativa, que reivindica a centralidade do corpo, da criação e da experiência na produção de saberes, com base nas contribuições de **Ciane Fernandes** (2014). Os resultados alcançados permitiram compreender como a fotoperformance pode dialogar com diferentes expressões identitárias de jovens estudantes da escola básica. Através da imagem performática do corpo, é possível refletir sobre a fotoperformance como potência criadora, além de discutir as possibilidades didático-pedagógicas dessa linguagem enquanto dispositivo crítico e criativo nos processos educativos, com o objetivo de fortalecer práticas emancipatórias e inclusivas na arte-educação.

Palavras-chave: Fotoperformance, escola, arte-educação, cotidiano, autoinscrição.

introdução fresta

Inserir práticas artísticas contemporâneas na escola pública e na educação básica é abrir frestas por onde possam entrar as possibilidades de criação e expressão artística. Entre essas práticas, a fotoperformance se apresenta como uma possibilidade de rasura, propondo um ensino de Arte que transcenda o lápis e o quadro, refletindo sobre o agora por meio do gesto, do corpo e da imagem. Num tempo em que as linguagens artísticas se hibridizam, a fotoperformance, com suas múltiplas possibilidades visuais e cênicas, convoca competências como a criatividade, o olhar estético e a expressão corporal. Dessa forma, o ensino de Arte embarca num fluxo híbrido e multidisciplinar e a

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN e mestrando em Artes Cênicas (PPGARc) na mesma instituição, zelucasarte@gmail.com;



fotoperformance oferece essa travessia: uma ponte entre o corpo e a imagem, entre o estudante e o mundo.

Este texto parte da experiência prática com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II, que, durante a Oficina de Introdução à Linguagem da Fotoperformance² realizada na cidade de Acari³, foram convidados a experimentar essa linguagem como forma de expressão pessoal e coletiva. Sendo assim, propõe-se a análise das imagens produzidas pelos estudantes e uma reflexão sobre como as imagens revelam não apenas aspectos estéticos, mas, principalmente, existenciais, possibilitando a escuta de subjetividades muitas vezes silenciadas pelo cotidiano escolar.

O que pode a imagem dizer sobre o cotidiano escolar? E sobre as questões que atravessam o processo de produção de conhecimento? E quando essa imagem nasce do encontro entre corpo, pensamento e vida dos estudantes? O que ela revela? O que transforma? Foi a partir dessas inquietações que os estudantes criaram as fotoperformances que deram vida à exposição "Olhares do Cotidiano".

O evento se desdobrou como gesto poético e potente, realizado na manhã do dia 30 de junho de 2024, na escola Dr. José Gonçalves de Medeiros, como parte da programação da culminância das disciplinas eletivas do ensino médio da referida escola. Aberta ao público, a exposição reuniu não apenas os estudantes do 7º ano "c", criadores das fotoperformances, mas também outros alunos da escola, professores, familiares e amigos. A mostra, desenvolvida como contrapartida do projeto da oficina, tornou-se um território de criação, experimentação e descoberta, onde a fotoperformance revelou-se uma possibilidade de encenar o cotidiano e de performar o existir.

Discutir performance e fotografia, no terreno fértil da arte contemporânea, é perguntar: o que acontece quando o corpo, diante da câmera, deixa de ser objeto e se torna sujeito da própria imagem? O que se revela quando esse corpo é corpo de estudantes jovens da escola pública de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte? Nesse sentido, a fim de refletir sobre essas questões o projeto de oficina buscava compreender como a fotoperformance pode ser um dispositivo político, poético e pedagógico.

² O projeto foi realizado com recursos do Ministério da Cultura/Governo Federal, repassados por meio da Lei Complementar nº 195/2022 – Lei Paulo Gustavo, e aprovado no Edital nº 002/2023 – PMA/SEMECE: Edital de Apoio à Diversidade Cultural da cidade de Acari/RN. A Oficina foi realizada nos dias 05 e 06 de junho de 2024.

³ Município localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte que faz parte da região do Seridó.



A seguir, proponho uma análise das imagens que nasceram desse entrelaçamento entre corpo, gesto e tecnologia, partindo do âmbito da fotoperformance enquanto potência pedagógica que proporcionou um espaço onde os estudantes puderam narrar aquilo que, tantas vezes, não encontra forma nas palavras. Ao colocarem seus corpos em cena, transformaram o cotidiano em poesia e a escola em palco de criação.

metodologia

método

substantivo masculino

[figurado] **reunião dos meios através dos quais é possível alcançar um objetivo.**

A metodologia consistiu na “prática como pesquisa” (FERNANDES, 2014), desenvolvida por meio da aplicação de oficina de fotoperformance com estudantes da educação básica, promovendo espaços de criação e expressão artística a partir do corpo e da imagem. É a prática que acessa, conecta e, por vezes, confronta os conteúdos, trazendo uma contribuição singular para o campo da pesquisa. Em um ambiente acadêmico muitas vezes marcado pelo excesso de regras e normatizações, a prática abre brechas, desloca certezas e oxigena os processos de investigação (FERNANDES, 2014).

Assim, a presente pesquisa estabelece um diálogo entre fotografia, performance e arte-educação, enfatizando o caráter político da inscrição do corpo em questões que atravessam a vida dentro e fora do ambiente escolar. Nessa perspectiva, os estudantes foram incentivados a criar suas próprias fotoperformances autorais, lançando-se como criadores de obras de arte.

O processo de pesquisa nas oficinas se constituiu no momento em que os estudantes foram convidados a pensar e criar a partir de um espaço extremamente familiar — o ambiente escolar —, agora ressignificado pela ótica da fotoperformance. Ao atravessar esse cotidiano com o corpo, o gesto e a imagem, os estudantes passaram a olhar de outra maneira para os corredores, as salas de aula, o pátio, os colegas e, sobretudo, para si mesmos. Esses atravessamentos também me atravessaram enquanto pesquisador, numa dinâmica em que meu próprio envolvimento com o espaço, os corpos e as histórias presentes ali se tornou parte constitutiva da pesquisa. A minha experiência de atravessamento, portanto, não foi neutra: ela ressoou nas escolhas, nos olhares, nas perguntas e nas imagens que emergiram.

Para que a prática e a pesquisa aconteçam de fato, é indispensável a presença dos corpos relacionais nos ambientes em que essas experiências se dão. Quem pratica e



quem pesquisa o faz, necessariamente, com e através de seu próprio corpo, uma corporeidade compreendida em suas múltiplas dimensões e diversidades. Trata-se de um fazer que parte da experiência interna e que se conecta ao meio, esse mesmo meio que é mutante, que pulsa e que transforma enquanto é transformado. É exatamente nessa dimensão que a pesquisa acontece: com o corpo, atravessada pelas relações e pelas experiências que nele se inscrevem (FERNANDES, 2014).

~~desenvolvimento~~ **estilhaços**

encenar o cotidiano e fotoperformar o existir

As fotoperformances analisadas a seguir integraram a exposição “Olhares do Cotidiano: Mostra de Fotoperformances”, contrapartida da oficina formativa de introdução à linguagem da fotoperformance, realizada em 2024, na cidade de Acari/RN. Esse espaço proporcionou aos estudantes do 7º ano “C” Matutino, da Escola Estadual Dr. José Gonçalves de Medeiros, a oportunidade de explorar e experimentar a interseção entre fotografia e performance.

A oficina, em sua estrutura teórica e prática, foi tecida em três movimentos, seguindo a mesma lógica dos atos que compõem a fotoperformance. No primeiro ato, mergulhamos no universo da performance. Entre conceitos e histórias, percorremos caminhos que nos levaram das manifestações artísticas mais emblemáticas, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo. Foram realizadas análises de imagens de performances, partindo do entendimento de que o conhecimento em artes se constrói na interseção entre experimentação, decodificação e informação (BARBOSA, 1991). Em um desses momentos de análise das obras por meio de seus registros visuais, retomamos o pensamento de Ana Mae Barbosa (1991, p. 32), para quem “a arte-educação é uma certa epistemologia da arte, cujo pressuposto e meio são os modos de inter-relacionamento entre a arte e o público, ou melhor, a intermediação entre o objeto de arte e o apreciador”.

Além disso, jogos performáticos, exercícios de aquecimento de presença e práticas corporais integraram a oficina, oferecendo aos estudantes um espaço de experimentação do corpo em movimento.

No segundo ato, o foco se deslocou para o olhar que captura. O ato fotográfico se apresentou como um convite à atenção ao instante. Exploramos os fundamentos da técnica (ISO, velocidade do obturador, abertura do diafragma, regras básicas de



composição), a fim de que os estudantes pudessem aplicar esses conhecimentos no momento de criação das fotoperformances autorais. Em seguida, os alunos foram incentivados a observar e registrar as performances cotidianas que compõem o espaço interno e externo da escola, situações que, muitas vezes, passam despercebidas ao olhar apressado, apesar da relação afetiva já existente entre eles, as pessoas e os espaços que os cercam. Um exemplo emblemático é o caso de Dona Rosa, a senhora que vende salgados todos os dias na frente da escola durante o intervalo, assim como as funcionárias que trabalham na cantina. Daí surgiu a escolha do nome “Olhares do Cotidiano”.

No terceiro ato, a fotoperformance se revelou como um território híbrido, onde corpo e imagem se entrelaçam para construir narrativas visuais carregadas de intenção e poesia. Discutimos sua definição, revisitamos seu percurso histórico e reconhecemos os elementos que a constituem enquanto linguagem artística autônoma. De acordo com os estudos sobre história da arte, compreender essa disciplina possibilita que as crianças entendam melhor o lugar e o tempo em que as obras foram produzidas, reconhecendo que nenhuma forma de arte existe isoladamente, pois parte do significado de cada obra está relacionada ao seu contexto histórico e cultural (BARBOSA, 1991).

A análise do repertório da fotoperformance em seus momentos experimentais revelou o uso recorrente de três técnicas principais: colagem, montagem e mise-en-scène. Essas técnicas podem ser utilizadas de forma combinada ou separada em uma mesma obra, sendo integradas pelo uso da imagem como elemento artístico central, com autonomia discursiva. A colagem consiste na união de imagens de diferentes origens em uma mesma composição; a montagem, influenciada pela linguagem cinematográfica, organiza imagens em sequência lógica espaço-temporal, muitas vezes acompanhada de legendas que sugerem uma narrativa; e a mise-en-scène diz respeito à criação de ações pensadas para gerar uma imagem expressiva e simbólica, geralmente com uma relação direta entre o artista e a câmera (SIMÃO, 2014).

No quarto ato, sob o título "Criações em Fotoperformance", nasceu o desejo de transformar teoria em gesto, reflexão em imagem, pensamento em ação. O objetivo desta etapa foi oferecer aos estudantes uma experiência prática e sensível, na qual, a partir das discussões e provocações realizadas anteriormente, eles pudessem habitar os espaços da escola com um novo olhar: o olhar de quem cria com o corpo e a câmera.

Assim, a fotoperformance emerge como uma linguagem híbrida nesse território fértil, que combina a efemeridade da ação performática com a permanência da imagem



fotográfica. Dessa forma, compreende-se que a fotoperformance não é apenas uma fotografia de uma ação, mas uma prática pensada desde sua concepção/idealização para ser fixada pela imagem. E é, portanto, uma linguagem que inscreve-se a partir da intersecção de atos: o ato fotográfico e o ato performático. No ato fotográfico a fotografia assume seu papel criativo, abandonando a neutralidade do registro para tornar-se ato artístico em si. Sendo assim, o fotógrafo, ou fotógrafo-performer, tornasse a pessoa que procura inserir na imagem informações imprevistas pelo aparelho fotográfico, como bem define Vilém Flusser (1985.). O fotógrafo não está ali só para apertar o botão do aparelho fotográfico, mas para provocar a imagem, inserir nela algo que o aparelho, sozinho, não daria conta de captar.

A natureza efêmera e situada da performance, ancorada no tempo e no espaço, gerava um paradoxo: embora os artistas frequentemente afirmassem que a ação em si era o único evento legítimo, também reconheciam a necessidade do registro para garantir sua circulação, memória e futura transmissão. Essa ambiguidade levou os artistas a desenvolverem estratégias que transformaram o registro em um objeto expositivo por si só. A montagem fotográfica, o sequenciamento de imagens, as legendas e colagens passaram a ser utilizadas como formas de evocar movimento, emoção e contexto, ressignificando o documento e elevando-o à condição de obra (SIMÃO, 2014).

Nessa prática, tanto o corpo que aparece na imagem quanto o corpo que a registra estão performando. Como dito anteriormente, na fotoperformance, a imagem não se limita ao registro de um instante: ela é, em si, ato performático. Então, nesse processo, a fotografia deixa de ser apenas ferramenta técnica e passa a ser compreendida como parte ativa de um gesto criador, que envolve tanto o sujeito que fotografa (fotógrafo-performer) quanto o dispositivo que ele opera (equipamento fotográfico).

Nesse jogo criativo, o fotógrafo não é apenas alguém que usa uma máquina, ele se torna parte de um gesto criador, junto com o próprio equipamento. Flusser (1985, p. 18) compara esse ato a um gesto de caça: o fotógrafo e a câmera viram um só corpo em busca da imagem. O fotógrafo, ao manipular o equipamento, não busca simplesmente modificar o mundo, mas instigar o próprio aparelho a revelar suas potencialidades. O fotógrafo brinca com o dispositivo, testa suas possibilidades, e, ao fazer isso, revela escolhas estéticas e políticas que já estão, de certa forma, embutidas no modo como o próprio aparelho funciona. Assim, fotografar é, simultaneamente, ação consciente e jogo técnico, uma prática em que os conceitos do fotógrafo, processados pelo aparelho, são



transformados automaticamente em imagens (FLUSSER, 1985). O enquadramento, a luz, o gesto, a textura, tudo é escolha, tudo é linguagem.

A turma foi dividida em grupos, e cada grupo ficou responsável pela construção de um programa fotoperformativo. As temáticas de suas fotoperformances foram livres e escolhidas por eles, de acordo com o que gostariam de transformar em imagem performativa. A única indicação dosicineiros foi a de que o trabalho deveria estar relacionado com questões presentes no cotidiano escolar ou pessoal de um ou mais integrantes do grupo.

Já com as ideias debatidas, definidas e com os programas fotoperformativos finalizados, foi realizada a prática de fotoperformance em campo, momento dedicado à realização das criações autorais. Essa etapa incluiu tanto a execução das performances quanto a captura das imagens nos locais escolhidos pelos próprios estudantes. Todo o processo foi conduzido por eles, com o acompanhamento e a supervisão dosicineiros.

Os grupos realizaram suas fotoperformances na presença de toda a turma, permitindo que todos participassem ativamente do momento de criação. Nesse sentido, ideias eram compartilhadas, gestos eram discutidos e as propostas iam ganhando forma com o apoio coletivo, enriquecidas por orientações que ajudavam a afinar conceitos, escolhas estéticas e possibilidades técnicas. Mais do que um simples exercício, essa prática foi uma experiência de criação, escuta e invenção de si no espaço e na imagem.

Ao todo, foram criadas seis séries de fotoperformances, nas quais cada imagem capturada pelos estudantes vai além de um simples registro visual, configurando-se como uma narrativa de expressão pessoal. Os estudantes tomaram o corpo e o espaço como territórios de invenção, partindo de suas próprias percepções, emoções e interpretações sobre o mundo ao seu redor.

As obras criadas refletem pequenas performances do cotidiano, relacionadas tanto ao que vivenciam durante o horário de aula quanto ao que experimentam fora do ambiente escolar. Entre os temas abordados, destacam-se: a importância da leitura e do espaço da biblioteca na escola; o incentivo à prática de atividades físicas como fator essencial para o desenvolvimento mental e corporal; e as celebrações juninas, nas quais os estudantes exploraram movimentos corporais típicos da quadrilha para a construção de suas fotoperformances.

Além das performances cotidianas, as obras trouxeram reflexões sobre temas importantes na sociedade e no ambiente educacional. Abordaram a repressão à liberdade criativa no espaço escolar, questionando como muitas vezes a escola não incentiva o



lado artístico dos alunos. A temática do *bullying* também foi explorada, com uma crítica a essa prática comum entre os jovens, que pode levar a consequências negativas. As obras ainda refletem como a sociedade força as pessoas a serem o que não são, influenciadas pelo padrão exigido e propagado nas redes sociais, resultando em máscaras sociais que escondem suas verdadeiras identidades.

Um exemplo significativo foi o trabalho intitulado “Não leve para o coração”. Segundo relatos dos próprios estudantes, esse título foi uma resposta direta à experiência que vivenciaram quando levaram à coordenação da escola um relato sobre um caso de *bullying* ocorrido em determinada instituição. O título, assim, inscreve-se como uma resposta crítica ao modo como suas vozes foram silenciadas.

Na fotoperformance, há no centro da composição, um estudante que está com o corpo curvado para frente, a cabeça baixa e os braços cruzados, abraçando um caderno contra o peito. O enquadramento o coloca como o ponto focal, enfatizando sua posição isolada e frágil. Ao redor dele, quatro outros estudantes, dispostos em semicírculo, apontam para ele com os dedos em formato de arma, enquanto riem. O ato performático desses corpos sugere zombaria, exclusão e violência simbólica. Seus rostos expressam riso e diversão, em contraste com a postura encolhida e silenciosa do colega. O cenário, um corredor da escola, funciona como pano de fundo que acentua a ação dos corpos.

Enquanto obra, a imagem instaura um campo de tensão: de um lado, o riso, o gesto expansivo, a corporeidade de quem performa o ataque; de outro, a contração e o recolhimento daquele que é alvo. A cena se constrói visualmente a partir da oposição entre poder e vulnerabilidade, expondo o corpo como espaço de disputa.

Ao tomar a escola como território de encontros e interações, aproximamo-nos de uma pedagogia que se alinha à visão de Schechner, para quem a performance, enquanto modo de compreender o mundo, propõe uma educação que articule mente, corpo e emoção em um movimento dialético entre ação e reflexão (SCHECHNER et al., 2010, p. 26). Trata-se de romper com a lógica da educação meramente transmissiva, aquela que se resume à escuta passiva e à escrita automática, e de assumir um processo formativo que se dá na experiência, na criação, no fazer e no refletir.

Outras produções, como “Máscara Social”, também evidenciam essa relação entre corpo, representação e contexto social. A obra aborda diretamente questões que atravessam o cotidiano de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, como as imposições de aparência e as violências simbólicas relacionadas ao *bullying*. O regime de representação, nesse sentido, articula-se com escolhas de perspectiva, iluminação,



pose, enquadramento, título, todos carregados de significados sobre poder, identidade e subversão.

Nela, um estudante aparece sempre em plano fechado, com enquadramento frontal e estático, que valoriza o rosto como superfície de disputa. Ele mantém uma expressão quase neutra, levemente sorridente, funcionando como “suporte” para as ações externas. Com uso da montagem, em uma sequência de três imagens, se dá a introdução das mãos de outros sujeitos, que entram no quadro e interferem diretamente no rosto do garoto. No primeiro registro, as mãos comprimem suas bochechas, moldando o semblante como se tentassem fabricar um sorriso forçado. No segundo, as mãos se multiplicam, ampliando a intervenção no rosto, agora envolvendo também a testa, numa tentativa de reorganizar sua feição. Já no terceiro, a intervenção atinge o máximo de intensidade: várias mãos atuam simultaneamente nos olhos, bochechas e testa, distorcendo seu semblante e criando uma imagem de manipulação coletiva. Enquanto obra, essas imagens instauram uma tensão entre a individualidade do rosto e a coletividade das mãos, sugerindo temas como identidade, controle social, *bullying*, ou ainda a imposição de formas de ser e aparecer.

Assim, as fotoperformances mostram-se como insurgências. Possibilitou-se a autoinscrição do corpo em narrativas que desafiam os padrões e deslocam os sentidos. As imagens não se limitam ao registro de um instante: elas são, por si, ato performático. Enquadramento, gesto, locação, título, tudo escolhido pelos estudantes. Por isso, fotoperformar, neste contexto, foi além do ato de produzir uma imagem: tornou-se a construção de um espaço de escuta sensível. Um território onde os estudantes puderam expressar vivências que, muitas vezes, escapam à linguagem verbal. Ao colocarem seus próprios corpos em evidência, ressignificaram o cotidiano como matéria poética e fizeram da escola um espaço fértil para criação, expressão e invenção.

A seguir, apresento as reticências ~~considerações finais~~ deste texto. Não como um ponto final, mas como uma pausa, um respiro, uma tentativa de reunir os principais aprendizados e desdobramentos que emergiram dessa experiência, sabendo que ela continua, viva, em movimento, no corpo de quem leu e de quem criou.

~~considerações finais~~ **reticências**

...

Ao investigar a fotoperformance como eixo central da criação, no desenvolvimento de métodos criativos de ensinar, de registrar vivências ou de promover



ações no campo das artes, percebe-se que é nesse espaço entre o clique e o gesto, entre a sala de aula e o mundo, que nasce a potência dessa prática: a fotoperformance como pedagogia do sensível, como política da imagem, como arte que pulsa no corpo do agora.

Nesse contexto, não se busca validar hipóteses previamente formuladas, mas sim permitir que o conhecimento surja do próprio fazer, num processo que não se limitou à observação, mas se engajou diretamente na transformação da realidade. Essa transformação, ainda que sutil, se manifestou em gestos, em imagens criadas, em corpos que, ao se fotografarem, reivindicaram para si o direito de existir em outras narrativas.

Dessa forma, a oficina de fotoperformance não se fez apenas com câmeras e fotografias; ela se fez com presenças. Com corpos que performaram, que se olharam, que criaram imagens como quem escreve com a pele. O corpo, aqui, não é um suporte, mas sujeito do conhecimento. É nesse corpo que pulsa a experiência, que se faz a escuta, que se delineiam os contornos daquilo que chamamos de criação em fotoperformance.

referências outros(as) que escrevem comigo

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos.** EDITORA PERSPECTIVA. São Paulo, 1991.

FERNANDES, Ciane. **A prática como pesquisa e a abordagem somático-performativa.** In: Anais da ABRACE, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** EDITORA HUCITEC São Paulo, 1985.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O que pode a performance na educação? uma entrevista com Richard Schechner.** Educação & Realidade, Porto Alegre: v. 35, n. 2, p. 23-35, 2010.

SIMÃO, L. V. **Fotoperformance, passos titubeantes de uma linguagem em emancipação.** ECOSSISTEMAS ARTÍSTICOS: ANAIS DO 23 ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Belo Horizonte: ANPAP, 2014. V. 1. P. 2876-2885.

